



Jared Cohon esteve em Coimbra e Lisboa para lançar três novas redes temáticas de investigação



Carnegie Mellon quer parceria com Portu

Presidente da universidade faz balanço do programa de cooperação.

BÁRBARA SILVA
dsf5tsdf@economicasgps.com

Demonstrar grande liderança e coragem para manter o financiamento público ao programa Carnegie Mellon-Portugal, depois de 2011, e depois dos 56 milhões de euros investidos desde 2006 na criação de cinco programas doutorais e quatro programas de mestrado profissional. Foi este o desafio deixado ao Governo português por Jared Cohon, presidente da Carnegie Mellon University, durante a sua última visita a Coimbra e a Lisboa para participar no lançamento de três novas redes temáticas de investigação no âmbito do programa Carnegie Mellon-Portugal.

“Todos teremos de nos preocupar se o financiamento público acabar em definitivo. Aí ficaria o ponto de interrogação sobre se os programas poderão ou não continuar, especialmente a investigação e a colaboração entre universidades e empresas”, disse Jared Cohon em entrevista ao Diário Económico. O responsável de Carnegie Mellon usou o exemplo do Presidente norte-americano Barack Obama e das suas propostas para o novo Orçamento de Estado dos EUA, que prevê um

aumento de verbas para as universidades e para a investigação científica. “Foi uma agradável surpresa para a comunidade académica. Mostrou grande capacidade de liderança”, sublinhou Jared Cohon.

É isso mesmo que o presidente de Carnegie Mellon espera do Governo português. “Há quatro anos não foi uma decisão fácil de tomar porque estava muito dinheiro envolvido. Se o repetirem agora, será um desafio ainda maior. Espero que o Governo português possa manter o financiamento e acredito que estão inclinados para essa opção”, disse, confessando: “Em conversa com o representante da Comissão Europeia, falámos sobre a importância de fazer este tipo de investimentos a longo prazo, sobretudo numa época em que a situação económica não é favorável”.

Do lado português, Mariano Gago, ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, realçou a importância de apostar em iniciativas, que permitem “colocar Portugal como um local atractivo para a investigação que se faz ao nível mundial”.

“Teremos de nos preocupar se o financiamento público acabar em definitivo. Aí ficaria um grande ponto de interrogação sobre se os programas poderão ou não continuar”, prevê Jared Cohon, presidente da Universidade de Carnegie Mellon

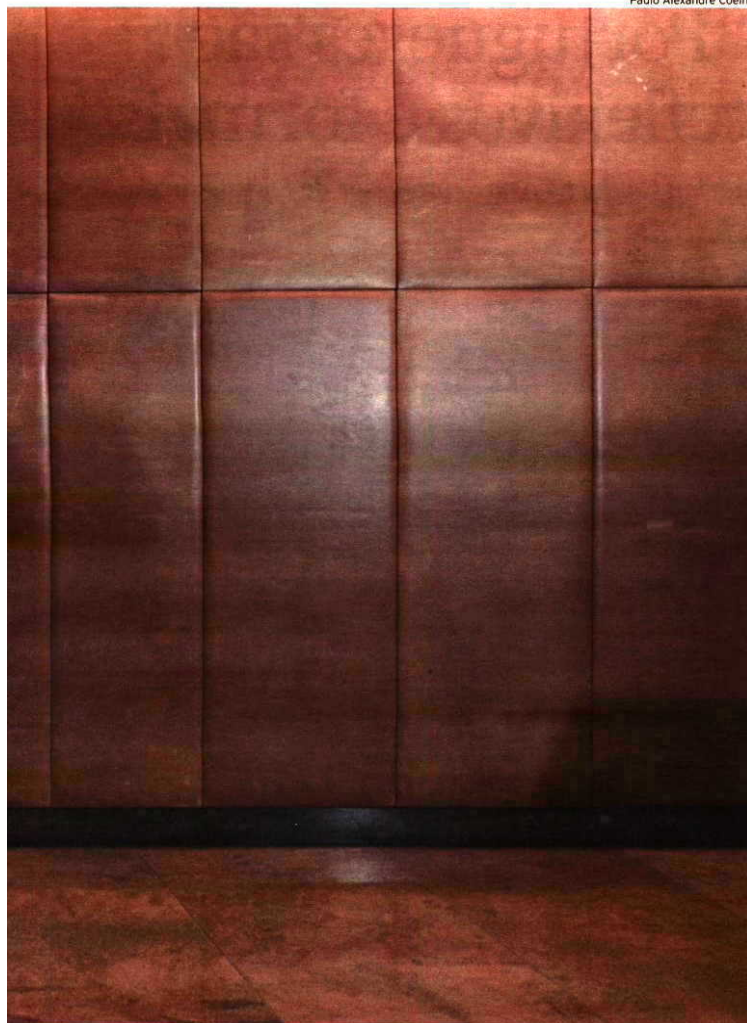
Durante três dias, mais de 300 investigadores, académicos e gestores reuniram-se em Portugal para debater as três “áreas do futuro”: Segurança e Protecção de Infra-Estruturas Críticas; Novos Produtos e Serviços para a Internet do Futuro; Tecnologias para os Novos Media Interactivos (ver caixas).

Sobre os programas de mestrado e doutoramento, criados pelo acordo de parceria estratégica entre nove universidades, quatro laboratórios, duas agência governamentais, seis escolas e seis institutos da Universidade de Carnegie Mellon, Jared Cohon diz que “ainda são frágeis e baseados na cooperação entre universidades e empresas, algo que nunca antes foi feito e é difícil de manter”. Neste momento, garante o responsável norte-americano, os programas em curso são sustentáveis financeiramente, com base nas propinas pagas pelos alunos e pelas empresas que os enviam, “mas há programas mais sustentáveis do que outros”.

Um sinal positivo, diz o presidente de Carnegie Mellon, é o número de empresas



Paulo Alexandre Coelho



gal depois de 2011

envolvidas no programa: além dos grandes investimentos iniciais da Portugal Telecom (um milhão de euros por ano), Nokia Siemens Networks (200 mil euros por ano) e Novabase (100 mil euros por ano), neste momento há 39 empresas envolvidas no programa, como a Ndrive, Bio-devices, Outsystems, Critical Software, Ydreams, Electricidade da Madeira, ISA, entre outras.

Além disso, "as candidaturas e inscrições não param de aumentar, bem como a alta qualidade dos alunos portugueses e também internacionais", refere Jared Cohon. As estatísticas do programa Carnegie Mellon Portugal mostram que até agora existem 168 pós-graduados nos programas de mestrado profissional e doutoramento, em áreas chave das Tecnologias de Informação e Comunicação, sendo que 18 alunos já terminaram o mestrado e regressaram à indústria. No total, o programa contabiliza 35 alunos matriculados em doutoramentos, 100 alunos nos mestrados profissionais (em 2009) e 77 doutoramentos previstos até 2011. ■

NOVAS REDES DE INVESTIGAÇÃO

NET-SCIP

A rede "Innovation Network on Security and Critical Infrastructure Protection" centra-se na segurança das redes e do utilizador, como a prevenção de ciber-ataques e a proteção de dados informáticos.

NET-FIT

A rede temática "Innovation Network for Future Internet Technologies and Services" tem como base estudar o papel da Internet na economia nacional, para desenvolver e maximizar as redes de nova geração.

NET-STIM

A rede "Innovation Network on Services and Technologies for Interactive Media" visa a criação de um 'cluster' de inovação em serviços e tecnologias para media interativos.

ENTREVISTA JARED COHON presidente da Carnegie Mellon University

"Espero que o Governo mantenha o financiamento

Jard Cohon afirma acreditar que o Executivo português "está inclinado para essa opção".

BÁRBARA SILVA

barbara.silva@economico.pt

Para Jared Cohon, ser presidente da Carnegie Mellon University, nos Estados Unidos, não é sinónimo de estar sentado à secretária. Desde que assinou o acordo de parceria estratégica entre a sua universidade e o Estado português, em 2006, já viajou para Portugal várias vezes, para ver de perto a evolução dos programas de doutoramento e mestrado profissional. Na semana passada esteve em Lisboa e Coimbra para lançar três novas redes temáticas de investigação no âmbito do programa Carnegie Mellon Portugal.

Que balanço faz até agora?

Realizámos em Coimbra a primeira cerimónia de formatura. É um bom indicador de como o programa está a correr bem. Formaram-se 60 pessoas, de todo o país, as primeiras duas turmas de 'masters'. É um número considerável se tivermos em conta que estes programas apenas começaram em 2006. As universidades levam algum tempo a implementar novos programas e têm um ritmo mais lento que o mundo empresarial.

Que 'feedback' teve dos graduados?

Tive oportunidade de conversar com alguns e fiquei muito impressionado com os relatos sobre o seu percurso profissional e sobre o que estão a fazer agora. Fixei sobretudo o caso de duas mulheres, algo raro nestes programas: uma formada em Psicologia e outra em Design, que tiraram o programa de 'master' em 'Computer Interaction' e agora trabalham para a Portugal Telecom. Estão muito entusiasmadas com o que estão a fazer. Ambas disseram que apenas conseguiram chegar aqui através destes programas de mestrado profissional. Acreditamos que estes graduados serão os futuros líderes de Portugal. Mas isso levará tempo a acontecer.

O que acontecerá depois de 2011, quando o programa terminar?

Espero que o Governo português possa manter o financiamento e acredito que estão inclinados para essa opção. Em conversa com o representante da Comissão Europeia, falámos sobre o que representa fazer este tipo de investimento a longo prazo, sobretudo numa época em que a economia não é favorável. É uma decisão que demonstra grande liderança e coragem por parte dos governos. Foi isso que Portugal demonstrou há quatro anos quando o governo autorizou o programa. Não foi uma decisão fácil nessa altura, porque estava muito dinheiro envolvido. Se o repetirem agora, será um desafio ainda maior.

Sem esse financiamento, os mestrados e doutoramentos poderão continuar?

Essa é a grande dúvida. Neste momento, os programas são sustentáveis financeiramente, com base nas propinas pagas pelos alunos e pelas empresas. Há pro-

gramas mais sustentáveis do que outros. Este é o grande tópico de discussão entre todas as partes envolvidas. Falei com responsáveis das universidades portuguesas e eles também se questionam sobre este assunto. O sentimento geral é que já conseguimos fazer muita coisa, os programas estão a correr bem e todos os envolvidos querem continuar. Mas os programas ainda são frágeis, são novos, baseados na cooperação entre universidades e empresas, algo que nunca antes foi feito, e não são parcerias fáceis de manter, porque cada instituição é única, as pessoas estão focadas no seu trabalho e a colaboração entre universidades às vezes torna-se complicada. Teremos de nos preocupar se o financiamento público acabar em definitivo. Aí ficaria um grande ponto de interrogação sobre se os programas poderão ou não continuar, especialmente a investigação e a colaboração entre universidades e empresas.

Como avalia a participação das empresas envolvidas?

Estamos muito satisfeitos com os progressos feitos até agora. Está a correr bem, até melhor do que esperava. Uma das mais impressionantes medidas do sucesso do programa é o número de empresas envolvidas, que passou de quatro para 39 em dois anos. Nas novas redes temáticas de investigação, os proponentes têm de estar ligados a duas universidades e uma empresa portuguesa. Isso ajuda a envolver mais empresas.

Que importância têm estas novas redes de investigação?

É uma tentativa do programa em focar-se. Os três temas foram determinados por um plano estratégico criado no ano passado com "input" das empresas e das universidades. Os três temas foram escolhidos porque são um desafio técnico e porque representam áreas onde Portugal pode melhorar, fazer a diferença, dar contribuições e destacar-se, ter impacto na criação de riqueza, de empregos. A Universidade de Carnegie Mellon é muito activa na investigação das três áreas: segurança e protecção; internet de nova geração; interacção entre humanos e computadores. São áreas "quentes" e representam problemáticas do presente e do futuro. A ideia é posicionar Portugal nestas áreas. ■

"Tive oportunidade de conversar com alguns graduados e fiquei muito impressionado com os relatos sobre o seu percurso profissional e sobre o que estão a fazer agora".



INVESTIGAÇÃO
Carnegie Mellon quer novo
financiamento do Governo
português depois de 2011. P. VIII